

COPACABANA, “O NOVO RIO”: OS SONS DO BALNEÁRIO LONGÍQUO (1905-1922)

Andréa Queiroz Rêgo

RESUMO: Este ensaio é parte da tese de doutorado em urbanismo – “Paisagens sonoras e identidades urbanas – Os sons nas crônicas cariocas e as transformações do bairro de Copacabana (1905-1968), orientada pela Professora Margareth da Silva Pereira (UFRJ/FAU/PROURB) que trata da importância dos sons na formação e identificação dos espaços urbanos e faz uma primeira investida na construção de uma memória sonora urbana a partir dos documentos literários (crônicas), uma vez que os sons do passado, raramente, foram registrados de outra forma. Adota como estudo de caso o bairro de Copacabana que emblematizou a Cidade do Rio de Janeiro e foi objeto de centenas de crônicas. Neste artigo, destaca-se apenas o primeiro período de estudo (1905-1922) e observam-se em especial os textos de Lima Barreto, Paulo Barreto e Álvaro Moreyra, além dos cronistas que participaram do jornal do bairro “Copacabana, o Novo Rio”. Verifica-se, ao longo dos relatos sonoros, o início da transição de uma Copacabana suburbana, remota, espaço de pescadores, para o bairro litorâneo mais notório da Cidade.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem sonora urbana; memória sonora; história cultural de Copacabana.

ABSTRACT: *This paper is part of a doctorate dissertation in urbanism – “Soundscapes and urban identities – Sounds in the chronicles and the transformation of Copacabana (1905-1968), supervised by Professor Margareth da Silva Pereira (UFRJ/FAU/PROURB) which deals with the importance of sounds in the formation and identification of urban spaces and makes a first foray into the construction of an urban sound memory from literary documents, since the sounds of the past rarely have been recorded otherwise. It adopts Copacabana as a case study that symbolized the City of Rio de Janeiro, and was the subject of hundreds of chronicles. This article contemplates the first studied period (1905-1922) and notes in particular the texts of Lima Barreto, Paulo Barreto and Alvaro Moreyra, besides other writers who participated in the local newspaper “Copacabana, the New Rio”. The reports trace the beginning of Copacabana’s transition from a suburban and remote area of coastal fishermen to the most notorious district of the City.*

KEYWORDS: *urban soundscape, sound memory, cultural history of Copacabana*

Na virada do século XIX para o XX, a Cidade do Rio de Janeiro sofre grandes intervenções urbanas, visando transformá-la na capital cosmopolita da República que se instaurava. Aos olhos de suas elites técnicas e do poder público necessitava resolver sérios problemas de infraestrutura, servindo de modelo para o restante da nação. Como se sabe: “A cidade moderna passa a valer pela nação e, com isso, atinge-se o padrão identitário idealizado, que atrelaria o Brasil ao ‘trem da história’, no caminho

da ‘civilização’” (PESAVENTO, 2002, p. 159). As ações do poder público voltam-se para a remodelação do espaço urbano, visando a construção de um porto moderno, a realização de obras de saneamento, drenagem e de infraestrutura, a abertura de novos logradouros e obras de embelezamento em geral. A cidade passa a apresentar uma estrutura urbana que deixa ver e define a sua estratificação social. O centro de negócios moderniza-se. Novos bairros, antes distantes, tornam-se viáveis para moradia, com a nova rede de transportes implantada, atraindo as camadas mais elevadas da população. Segundo Resende,

o ideal cosmopolita não deve ser visto apenas como vontade de copiar para estar na moda; a vocação cosmopolita da cidade do Rio de Janeiro significa muito mais do que isto e será sempre responsável não apenas por seus aspectos os mais sedutores, mas também por uma dimensão política que a torna crítica do poder, sintonizada com os aspectos mais progressistas da política, opondo-se a atitudes e comportamentos reacionários. (RESENDE, 1995, p. 46)

É dentro desse contexto que Copacabana vai se consolidando, contando com o investimento da iniciativa privada apoiada pelo poder público. Entretanto, nos últimos anos do século XIX, e mesmo no início do século XX, Copacabana não é o modelo de moradia das classes mais abastadas da população. É na segunda década do século XX que o perfil dos moradores começa a mudar, e o bairro passa a atrair uma população de classe econômica mais alta. Percebem-se inúmeros novos sons na paisagem que já competem com o som das ondas, mascarando-o em certas ocasiões. Esses sons refletem a urbanização acelerada e o aumento expressivo da população do bairro: apenas 297 moradores em 1906 (GASPAR, 2004, p. 219) e 22.761 moradores em 1920 (ABREU, 1987, p. 85).

Lima Barreto e Paulo Barreto, contemporâneos, e talvez os principais cronistas da época, foram os primeiros a escrever sobre o bairro de Copacabana de modo bastante similar, como muitos visitantes que lá passaram o dia apreciando o mar e o ar da praia, pois “espectador do processo que narra, o cronista é, ao mesmo tempo, ator deste processo, que se esforça para ‘dizer’ o urbano, recolhendo o que vê e sente e o que intui que os demais veem e sentem” (PESAVENTO, 2002, p. 196).

Os raros vestígios sonoros detectados nas crônicas de Lima Barreto e Paulo Barreto vinham da orla do mar, eram os sons da própria praia ou das atividades que aconteciam na sua proximidade. Raros foram os sons percebidos ou registrados de outras áreas do bairro, mais próximas às encostas, por exemplo. A partir de 1914 e com as crônicas de Álvaro Moreyra, nota-se, contudo, uma mudança nesse padrão. Com Moreyra, Copacabana é mostrada através da experiência diária, de um morador do bairro, diferentemente, de um visitante esporádico. São os sons do cotidiano, os sons da noite, nos dias úteis e não apenas nos finais de semana, que

passam a ser registrados nas crônicas. Os relatos desses cronistas foram cotejados às manchetes dos periódicos do bairro que circulavam naquela época – *O Copacabana*, *Beira Mar* e *Atlantico* – *Magazine Mensal Ilustrado*.

Ao longo desse período do estudo, foi possível verificar como uma sonoridade rural à beira-mar é paulatinamente alterada. Primeiro com as visitas dos romeiros à “Igrejinha”, depois com a chegada dos bondes a tração animal e com a construção das primeiras moradias permanentes, distintas das cabanas de pescadores. Na virada do século XIX para o XX, com a eletrificação dos bondes e com o sensível aumento de uma população flutuante, o bairro adquire uma sonoridade diferente nos finais de semana e feriados, quando é mais visitado.

É, justamente, a abertura do túnel e a chegada dos bondes que torna Copacabana viável para o mercado imobiliário. Os proprietários loteavam as suas glebas doando as ruas para a municipalidade, como é o caso das ruas Souza Lima, Sá Ferreira, Almirante Gonçalves, Constante Ramos, Guimarães Caipora (Bolívar), Ipanema (Barão de Ipanema), Quatro de Setembro (Pompeu Loreiro), Pereira Passos (trecho da Barata Ribeiro), Floriano Peixoto (Leopoldo Miguez) e Domingos Ferreira. Entretanto, a grande responsável pelo parcelamento do bairro seria a Empresa de Construções Civas, cujos principais acionistas eram Alexandre Wagner e seus genros Otto Simon e Theodoro Duvivier, além de algumas pessoas ligadas à Companhia Jardim Botânico. A empresa era a maior proprietária de terras em Copacabana e teve seus loteamentos aprovados pela municipalidade, que permitiu, em 1894, a abertura das ruas entre a Rua do Barroso (Siqueira Campos) e o Morro do Vigia (Leme) e mais dez ruas na região da Igrejinha (Posto 6).

Nessa fase, a ocupação do bairro se deve aos largos investimentos da iniciativa privada em infraestrutura e propaganda para o sucesso do loteamento. Mesmo sendo um areal deserto, a Cia Jardim Botânico, contrariando muitos dos seus acionistas, registrava no relatório de 1984:

Dentro de um lustro, aquele deserto de Saara se converterá em grande povoação, para onde afluirá de preferência a população desta cidade na estação calmosa, pela salubridade e amenidade do seu clima e a excelência dos banhos de mar, como se pratica nas cidades de banho da Europa. (DUNLOP, 1956, p. 78)

A partir de 1896, as edificações de menor qualidade proliferaram no bairro, em função do Decreto nº 223, de 22 de fevereiro de 1896. O decreto

[...] permitia a liberdade de construção do Leme à praia da Gávea, as casas edificadas poderiam ter as paredes mais estreitas, os pés-direitos mais reduzidos do que as construções do restante da cidade. Todas essas medidas foram implementadas, tendo em vista a maior aeração propiciada nas construções em regiões praeiras, consideradas mais salubres. (DEZOUZART et al., 1986, p. 145)

No início do século XX, o bairro simbolizava vida e saúde em oposição ao centro antigo, saturado e com inúmeras epidemias. Como se sabe, em 1900, a Cia. Jardim Botânico permitiu a circulação do tráfego público, no Túnel Alaôr Prata, antes exclusivo aos bondes e, nesse mesmo ano inaugurou o ramal do Leme. Três anos mais tarde, em 14 de junho de 1903, esse ramal e o de Copacabana já estavam eletrificados. A inauguração, feita pelo Prefeito Pereira Passos foi muito comemorada: “a sociedade ‘Flôr de Botafogo’ tocou, no ponto terminal, as melhores peças do seu repertório e, à noite, houve iluminação elétrica, um grande baile popular e vistoso fogo de artifício” (DUNLOP, 1956, p. 78). O jornal “O Paiz” a descreveu:

No final da linha, no Leme, era grande o número de pessoas que, ao som de harmônicas marchas executadas pela banda do Corpo de Bombeiros, aguardava a chegada do Prefeito, dos diretores da Companhia e demais convidados. [...]

Depois de receber os cumprimentos dos moradores do lugar; o Prefeito declarou inaugurada a linha elétrica do Leme, sendo, nessa ocasião, alvo das maiores demonstrações de entusiasmo.

Nessa expansão de alegria, alguns moradores fizeram queimar foguetes e bombas ‘cabeça de negro’, transgredindo, assim, o que dispunha recente decreto municipal contra o uso desses fogos. Não teve dúvida Pereira Passos: deu ordens para que os transgressores fossem multados em 50\$000. (apud DUNLOP, 1956, p. 78)

Em 1905, foi revogado o Decreto nº 223, “quando as edificações no bairro ficaram sujeitas à mesma legislação vigente para o restante da cidade” (DEZOUZART et al., 1986, p. 146). Essa ação visou à valorização e à melhoria da área, à medida que a sua infraestrutura era implantada pela política de obras públicas e pela iniciativa privada. Nesse ano, foi inaugurada a estação dos bondes¹ e um bar no final do ramal do Leme, arrendado à Cervejaria Brahma.

OS SONS DE COPACABANA NAS CRÔNICAS CARIÓCAS DE 1905 A 1922

É justamente de 1905 a primeira crônica “Pleno Leme”, escrita por Lima Barreto, em seu livro *Diário Íntimo*, retratando alguns aspectos da sonoridade do final do bairro do Leme. Nela, Lima Barreto relata o hábito dos moradores dos subúrbios das linhas férreas, no qual ele se inclui, de visitarem a Praia do Leme nos finais de semana e feriados, em busca de ar puro e lazer. Através da sua descrição sensorial, é possível perceber um pouco da paisagem sonora:

¹ No prédio da estação dos bondes passa a funcionar, a partir de 1945, a Sociedade Pestalozzi no Rio de Janeiro, fundada por Helena Antipoff, sendo demolida nos anos 1980, para a construção de prédios residenciais.

[...] O dia é meigo. O Sol, ora espreitando através de nuvens, ora todo aberto, não caustica. Nos dois abarracamentos cheios de gente, espoucam garrafas de cerveja que se abrem. A praia se estende graduada, harmônica, desde o monte do Leme à igreja. A ponta recurva desta é como a cauda de um peixe que se dobrasse num ‘samburá’ [...]. O mar muge suavemente. As ondas verde-claro rebentam antes da praia em franjas de espuma. Pelo ar havia meiguice, e blandícias tinha o vento a sussurrar.

A gente que há é a vulgar dos piqueniques. Gente simplória que, enclausurada em casa uma semana, um mês, um ano, quem sabe, resfolegava naquele dia ao ar livre. Havia um deputado e família, o que não diminui nem altera a minha observação [...]. (BARRETO apud SANTOS, 1983, p. 122)

Os bares atendiam àqueles que se aventuravam passear no areal distante, como relata a crônica de Lima Barreto. As pessoas não deviam ser muitas, pois o vozerio dos piqueniques ainda permitia que o escritor ouvisse o abrir das garrafas e o murmúrio do mar. Os piqueniques eram, como coloca o historiador Brasil Gerson, uma forma de promover o bairro, adotada pela Cia. Jardim Botânico, que nas passagens dos bondes, escreviam versos:

Pedem vossos pulmões ar salitrado
Correi, antes que a física os algeme,
Deixai do Rio o centro infeccionado,
Tomai um bonde que vá dar ao Leme...
Graciosas senhoritas, moços chics,
Fugí das ruas, da poeira insana:
Não há lugares para pic-nics
Como em Copacabana... (GERSON, 2000, p. 322)

Em 1906, no Governo do Prefeito Pereira Passos, duas inaugurações marcam o bairro: a obra de abertura e a construção do Túnel Engenheiro Coelho Cintra,² no Leme (Túnel Novo), cujo término data de 1904, e, respectivamente, a Rua Salvador Correa (atual Avenida Princesa Isabel). Além disso, o início das obras da Avenida Atlântica causa o primeiro corte no Morro do Inhangá. Esse fato determina a nova divisão entre os bairros de Leme e Copacabana que passam, respectivamente, a ser delimitados pela Ponta do Leme à Rua Salvador Correia (atual Avenida Princesa Isabel) e desta até a Ponta do Arpoador. A delimitação natural é abandonada em prol do traçado urbano que agora define um único recôncavo, que, ainda, mantém o nome das duas praias.

² O túnel recebeu esse nome em 1937 em homenagem ao Engenheiro José Cupertino Coelho Cintra (Pernambuco, 1843 – Rio de Janeiro, 1939), responsável por obras em todo o território nacional, fundador da Cidade de Caxias do Sul (RS) e Diretor da Cia. Ferro-Carril do Jardim Botânico.

É também do ano de 1906 o primeiro regulamento da Prefeitura sobre o funcionamento dos balneários cariocas, que exigia uma “sala ampla e arejada para os afogados”, “medicamentos urgentes” e “peças de curativo e material cirúrgico” (*O Copacabana*, 1906).

A crônica “Dona Filó é quem diz”, do acadêmico, historiador e jornalista Francisco de Assis Barbosa, mostra, nesse período, os sons das serenatas que povoam Copacabana, nos primeiros anos do século XX. Morando no Posto 4, próximo à mansão de Jayme Smith, Dona Filomena foi vendo o bairro ser formado:

O bairro era um vasto arreal com poucas ruas abertas. Pouquíssimas casas de alvenaria. Não havia iluminação. [...] No comêço do século, antes das obras de melhora-mento iniciadas pela administração de Pereira Passos, Copacabana era lugar procurado para piqueniques e serenatas. As serenatas às vêzes acabavam mal. Copacabana era um bairro estritamente familiar. Matilhas de cães à sôlta pela praia deserta atacavam os seresteiros na escuridão. Os boêmios saíam correndo com cavaquinhos, violões e flautas, pois os cachorros mordiam mesmo de verdade. [...]. (BANDEIRA & ANDRADE, 1965, p. 538-540).

Sobre as serenatas, o jornalista e crítico musical José Ramos Tinhorão escreve que “os cantores de serenatas surgiram coincidentemente, no decorrer do século XIX, nas duas cidades de tradição popular mais antiga, e que eram as capitais do Brasil colonial e do Vice-Reinado – Salvador e Rio de Janeiro” (TINHORÃO, 2005, p. 14). Tinhorão descreve como os seresteiros participavam do cotidiano da Cidade, contribuindo para uma sonoridade específica, daquela época:

A maioria desses cantores especialistas em modinhas sentimentais [...] gravitava em torno de conjuntos de choro que funcionavam como orquestras de pobre, fornecendo música para festas em casas de família à base de flauta, violão e cavaquinho. Por volta da meia-noite, ou pouco mais, quando terminavam essas festas caseiras, os chorões saíam tocando e cantando pelas ruas do centro, dos subúrbios ou dos bairros da zona sul carioca (notadamente Gávea e Botafogo), e era então que os mais reputa-dos por sua voz e seu repertório abriam o peito [...] (TINHORÃO, 2005, p. 23).

Em junho de 1907, é fundado o periódico do bairro *O Copacabana – Orgao literario, commercial, noticioso e recreativo*, que, em setembro do mesmo ano, passa a se chamar *Copacabana: o novo rio*. Era uma publicação quinzenal, sob a direção de Theophilo Mattos: o jornal levava a público os problemas, benfeitorias e as novidades que ocorriam no bairro. Foi atuante em reivindicações feitas à municipalidade, para a obtenção de melhorias em Copacabana, porquanto, na verdade, naquela época, todos os recursos humanos e financeiros do Governo priorizavam a reforma do centro da cidade, a modernização do cais do porto e a dotar de infraes-trutura e melhorias os bairros residenciais mais próximos ao Centro. Copacabana

não se encaixava nas metas das autoridades. De fato, é a iniciativa privada que vê na área um filão, e nele investe, mas não sem pressionar, também, o poder público, para viabilizar a sua empreitada, como se depreende da manchete abaixo:

Calçamento em Copacabana

Esta questão de absoluta falta de calçamento em o nosso bairro ameaça prosseguir pelo ano proximo, prolongando-se até quando ninguém o pode calcular [...]. (*O Copacabana*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1907.)

Em 1908, ao término das obras da Avenida Atlântica, um novo decreto estimulará a ocupação da orla, isentando as suas construções de taxas e emolumentos. É daquele ano a segunda crônica do estudo, escrita por Paulo Barreto, “Como se Ouve a Missa do Gallo”, que fez parte da obra *A Alma Encantadora das Ruas*, que proporciona mais vestígios sonoros, tais como os sons da arruaça provocada por uma multidão que vai a Copacabana, a fim de assistir à missa do galo. São os sons dos automóveis, das buzinas, de música, de cantos, gritos e foguetes:

Quando passamos o túnel num fracasso de metralha e demos nos campos de Copacabana a velocidade foi vertiginosa e era apenas vagamente que se divisavam, fugindo à sainha dos fons-fons, ao estrépito das rodas, a linha de fiéis da redondeza marginando o capinzal e, à esquerda, num diadema de estrelas, a iluminação da Igreja. [...]

Cerca de três mil pessoas – pessoas de todas as classes, desde a mais alta e mais rica à mais pobre e à mais baixa enchia aquele trecho, subia promontório acima. E o aspecto era edificante. Grupos de rapazes apostavam em altos berros subir a igreja pela rocha; mulheres em desvario galgavam a correr por outro lado, patinhando a lama viscosa. Todos os trajés, todas as cores se confundiam numa amalgama formidável, todos os temperamentos, todas as taras, todos os excessos, todas as perversões se entrelaçavam. Todo esse pessoal gritava.

Logo na subida encontrei um meninote engolindo uns restos de vinho do Porto pelo gargalho da garrafa. Em meio do caminho um grupo do Clube dos Democráticos, de guarda-chuva branco e preto tocava guitarra e assobios.

De todos os lados partiam cantos de galos. Os cocoricós clássicos vinham finos, grossos, roufenhos em falsetes: – Cocoricó! Cocoricó!

– Já ouviste cantar o galo?

– Pois hoje não é a missa dele?

– Cocoricó! pega ele pra capar!

– Pega!

[...] de repente estalou o rolo, o rolo rápido e habitual. Um sujeito apanhara uma bengala, levantara o guarda-chuva, uma menina gritara: – Nunca mais venho à missa! E no roldão da turba medrosa, de novo cai na ladeira, ouvindo os cocoricós, as chufas, as graças sórdidas:

– Pega pra capar! Cocoricó! Já ouviste o galo?

No céu cor de chumbo, ameaçador de temporais, espocavam girândolas de foguetes. E todo aquele trecho, mais aquecido, mais feroz, mais cheio de gente redobrava de deboche, de frenesi pândego, de loucura, quebrando copos, cantando, assobiando, praguejando, ganindo. [...]. (BARRETO, 1987, p. 83-87)

Constata-se que, nessa crônica, Paulo Barreto descreve com riqueza os sons, no intuito de ressaltar como a ida à “Missa do Galo” na Igrejinha estava relacionada à festa, ao passeio e não ao ato de fé: cantoria de bêbados, buzinas, fogos de artifícios. É possível dizer que, no parecer do escritor das elites, Paulo Barreto, tal como no parecer do escritor “dos subúrbios”, Lima Barreto, os frequentadores de Copacabana, nos primeiros anos do século XX, eram, geralmente, pessoas simples, sem “educação”, no sentido de que não se conduziam de acordo com os padrões sociais das classes mais privilegiadas, nos momentos de lazer.

A cartografia social dessa Copacabana nascente é, assim, nítida: pretas com soldados, trabalhadores braçais, rapazolas do comércio, mocinhas com senhores conquistadores. É importante observar que, apesar da rica descrição do escritor, a forma como ele percebe esse evento se dá em função de sua cultura, dos espaços que habitualmente frequenta na cidade e da sua classe social, pois o mesmo evento é relatado de modo bastante distinto, por um cronista anônimo do periódico “O Copacabana”, tendo em comum apenas a multidão e a ameaça de tempestade no ar:

Templo repleto, todo o bairro cheio, brindes a todo momento, despejando povo, senhoras, senhoritas, crianças, cavalheiros dos mais distintos. [...]

Vimos toilettes riquíssimas não só de senhoras e senhoritas, como também das mais gentis crianças.

Até o dia seguinte, Copacabana esteve repleta de hóspedes e quando ao entardecer desse formoso dia de Natal, vimos partir para a cidade o último bonde conduzindo os derradeiros retardatários sentimo-nos sinceramente comovidos, assaltados por uma grande tristeza, uma saudade imensa da harmoníssima festa que o próprio tempo teve a piedade de respeitar, contendo um tremendo temporal que ameaçava desabar a todo o momento. (*O Copacabana*. Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1908)

Assim, a imagem que o periódico deseja “vender” do bairro é bem diferente da “adquirida” pelo escritor. Pode-se, então, supor que o evento gerou um impacto sonoro, seja em menor, seja em maior grau, bem distinto do habitualmente percebido no local, uma vez que foi objeto de observação de ambos. E ainda, pode-se presumir a diversificada escuta composta por um grande número de pessoas circulando, bebendo, cantando e queimando fogos de artifícios.

Cabe ressaltar a importância da “Igrejinha”, cujo apelido passou a denominar toda a extensão do bairro que a rodeava, hoje conhecida por Posto Seis. Sobre ela e, em particular, sobre os seus sons, escreveu Gastão Franca do Amaral uma crônica “Copacabana de outrora e de hoje”, para o *Beira Mar*, em 21/06/1925:

[...] Oh! A alva ermida – pousada qual branca gaivota sobre o escuro penedo, como que pronta para alçar o voo para o infinito! [...] Jamais um templo, uma igreja, me deu, como essa, tamanha impressão de paz, de serenidade e poesia.

Que órgão mais solene, mais imponente, do que dia e noite, sem cessar, o envolvia com sua selvagem melodia! O marulhar do oceano ouvido do seu interior silencioso! Quantas vezes não penetrei nele para ouvi-lo como se ele fosse a própria voz de Deus! Igrejinha! Igrejinha! [...] (apud GASPAR, 2004, p. 225)

Sem dúvida, a paz gerada pela escuta no interior da igreja, do mar batendo nas rochas, não ocorreu durante a “Missa do Galo” de 1907, quando esse “órgão” não pode ser escutado e as vozes escutadas não eram de Deus.

Do ano de 1908, destaca-se a crônica a seguir, na qual é possível perceber o baixo nível de ruído no bairro, à época, cuja vida urbana é percebida como um “bulício”, que não impede a escuta do mar no sopé do Morro da Babilônia. O autor se refere ao som do mar como monótono e triste: de fato, o som produzido pelo bater das ondas é grave e repete-se em intervalos de tempo praticamente regulares, tornando-se “monótono”; o ritmo é esperado e não causa surpresa, para alguns é hipnótico e embala prazerosamente, para outros é melancólico, irrita, deprime:

Descemos mais, alguns metros, alguns minutos mais, já se distinguiam perfeitamente os lampiões de iluminação de Copacabana; ouvia-se já o bulício da cidade, e já se escutava também o mar, na sua eterna cantilena monótona e triste. [...] (MANÉ, *Copacabana*. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1908)

Ao longo de todo o ano de 1908, pode-se verificar, através de algumas manchetes do periódico *Copacabana*, como a área foi se desenvolvendo muito mais em função da iniciativa privada que pressionava o poder público para dotar o bairro de infraestrutura básica; esse é o caso do saneamento do local e o combate aos mosquitos, mostrado nas manchetes destacadas a seguir. Na primeira, é descrito o som que os mosquitos fazem nos ouvidos; na segunda, o problema é associado à falta de urbanização da Praça Malvino Reis (atual Praça Serzedelo Correa), de que se pode intuir toda uma sonoridade mais característica do meio rural do que urbano em função da presença de uma série de animais soltos na praça:

Este formoso bairro, até bem pouco tempo, isento da invasão dos incomodos mosquitos está, agora, não se sabe bem devido a que, invadido pelos taes pernilongos cantores sanguinários, que são o horrível martírio nas noites prolongadas pelo sofrimento e pelo incômodo que nos causam esses – anti sonoros segredos – pregados aos ouvidos, durante intermináveis horas de insônia! (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 15 de março de 1908)

Na Praça Malvino Reis, em Copacabana, existe atualmente um grande capinzal que é utilizado para pasto de toda a qualidade de animais. Rogamos a V.S. que nas colunas do *Copacabana* reclame-a quem de direito enérgicas providências, pois os moradores dessa praça que é o trecho mais habitado de Copacabana – não podem, por mais tempo, supportar o capinzal – porque é um grande foco de mosquitos quanto mais, os cavalos, burros, cabras, cabritos, cães, etc que, durante o dia e a noite, ali pastam à vontade. (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 1 de abril de 1908)

O problema dos mosquitos é tema comum em diversas crônicas da época e se estende até as duas primeiras décadas do século XX. Há que se lembrar de que urbanizar a cidade era, também, uma questão de saneamento, pois a extinção da febre amarela era uma meta que precisava ser conquistada. Segundo o médico e sanitarista Oswaldo Cruz, o ano mais crítico foi o de 1891, com 4.456 mortes causadas pela doença; em 1905, a cidade presenciou 289 mortes; em 1907, foram 39 casos e, só em 1909, considerou-se a doença extinta.

Dessa maneira, é bastante pertinente a reclamação dos moradores pela eliminação dos focos de mosquitos, tanto por uma questão de saúde, quanto por serem “inconcebíveis” problemas dessa natureza num bairro que prometia uma “alta” qualidade de vida, no qual seus moradores encontrariam a salubridade e a beleza desejadas. Mas, se essa sonoridade gerada por zumbido de mosquitos nos ouvidos e a presença de vários outros animais na praça era bem diferente da idealizada pelos moradores da vizinhança, só em 1911, no Governo de Serzedelo Correa, a solicitação dos moradores foi atendida. Naquele ano, a Praça Malvino Reis foi ajardinada e seu nome alterado para Praça Serzedelo Correa.

Além do problema central abordado na manchete, ela evidência como a ocupação inicial do bairro se concentrou em três núcleos relacionados aos três acessos principais ao bairro. Praça Malvino Reis (Serzedelo Corrêa) adjacente à Rua do Barroso que ligava Copacabana a Botafogo, via Túnel Alaor Prata, onde ficava a estação de bondes de Copacabana e era o local mais denso. Praça do Vigia do Leme, local onde ficava a estação de bondes do Leme, cujo acesso principal era através o Túnel Eng. Coelho Cintra. Igrejinha, ponta do Arpoador, área que ligava Copacabana a Ipanema e à Lagoa Rodrigo de Freitas.

Um anúncio no jornal de bairro, de julho de 1908, mostra como os piqueniques na praia, mencionados anteriormente na crônica de Lima Barreto, vinham se transformando e se multiplicando em novas atividades de lazer, organizadas pelas autoridades e clubes locais voltados para as classes menos favorecidas da população carioca que se deslocam para as praias do Leme e de Copacabana, em busca de diversão gratuita; essas práticas com certeza foram sendo estimuladas seja pela abertura e melhoramento da Av. Atlântica, seja pela abertura dos túneis, seja pela regularidade e eficiência dos bondes:

Hoje no Leme – das 4 da tarde às 10 da noite – Grande pescaria de arrastão em Canoa, Descoberta de um tesouro, Banho em morning, Corridas diversas, Duelo original e pau de sebo. (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 5 de julho de 1908)

A crônica permite formar uma ideia da sonoridade criada num domingo de festa na praia, o qual não inclui nas atividades o banho de mar – vozerio, risadas,

gritinhos, apitos. É impossível imaginar atividades em silêncio! Assim, vale dizer que o bairro “nasce” como área urbanizada, com os sons do lazer, sendo promovido para o repouso e para as atividades salutareas, atendendo, em princípio, às camadas menos privilegiadas que tinham nos piqueniques e banhos de mar uma oportunidade de diversão por baixo custo.

Um dos anúncios mais comuns nos periódicos de 1908 e, também, nos anos consecutivos, eram os anúncios sobre a “Guarda Noturna”, notícias sobre seu funcionamento, como e por que os moradores deveriam a ela se associar:

Os moradores de Copacabana e Botafogo estão contentes com os relevantes serviços prestados pela Guarda Noturna dessa freguesia [...] fizeram colocar no respectivo quartel, à disposição do público, o telefone n. 2.732, e mandaram colocar placas pintadas nas residências dos assinantes [...]. (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1908).

Na verdade está na consciência de todos os grandes serviços desses dignos vigilantes nocturnos. É preciso que todas as famílias residentes em Copacabana e Botafogo assim o compreendam, auxiliando sempre a Guarda Noturna, inscrevendo-se como assinantes. (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 5 de julho de 1908).

Na realidade, apesar de não constar em nenhuma crônica específica do bairro, os guardas-noturnos geravam uma sonoridade única, em toda cidade do Rio de Janeiro, que, durante muitos anos, foi relatada por inúmeros cronistas: o apito e os passos dos guardas no silêncio da noite. Um rico relato sobre o tema é de Cecília Meireles, de 1963, provavelmente lembrando o local da sua infância e adolescência na Tijuca.

Às dez e meia, o guarda-noturno entra de serviço. [...] grandes e pequenos cães rosnam, ganem, uivam na densa escuridão da noite, todos sobressaltados pelo trilar do apito do guarda-noturno. Pelo mesmo motivo, faz-se um hiato no jardim, entre os insetos que ciciavam e sussurravam nas frondes: que novo bicho é esse, que começa a cantar com uma voz que eles julgam conhecer, que se parece com a sua, mas que se eleva com uma força gigantesca?

Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo a rua. Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor. Assim vai andando o guarda-noturno. Se a noite é bem sossegada, pode-se ouvir sua mão sacudir a caixa de fósforos, e até, com bom ouvido, quantos fósforos estão lá dentro. Os cães emudecem. Os insetos recomeçam a ciciar. [...] O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não assustar, para não acordar ninguém. Lá vão seus passos vagarosos, cadenciados, cosendo a sua sombra com a pedra da calçada.

Vagos rumores de bondes, de ônibus, os últimos veículos, já sonolentos, que vão e voltam quase vazios. O guarda-noturno, que passa rente às casa, pode ouvir ainda a música de algum rádio, o choro de alguma criança, um resto de conversa, alguma risada. Mas vai andando. A noite é serena, a rua está em paz [...]

E se um pequeno rumor chega ao seu ouvido e um vulto parece apontar na esquina, o guarda-noturno torna a trilar longamente, como quem vai soprando um longo colar de contas de vidro. E recomeça a andar, passo a passo, firme e cauteloso, dissipando ladrões e fantasmas. É a hora muito profunda em que os insetos do jardim estão completamente extasiados, ao perfume da gardênia e à brancura da lua. E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado.” (MEIRELES, Cecília. “Anjo armado, noturno” in BANDEIRA & ANDRADE, 1965, p. 430 e 431)

Ao longo do ano de 1908, fica, também, evidente em muitas manchetes do periódico que a iniciativa privada vinha sendo a grande responsável pelo sucesso do empreendimento-Copacabana, criticando duramente a municipalidade por não melhorar ainda mais rapidamente a infraestrutura do bairro:

[...] Apesar, porém, de toda a má vontade dos poderes públicos a nossa Copacabana há de triunfar e fatalmente está destinada a ser no futuro uma grande cidade [...]. (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1908).

[...] Mas os impostos vão saindo... do bolso dos contribuintes vão diariamente aumentando a renda do município sem que o bairro de Copacabana consiga o menor melhoramento [...].

Tristíssima emergência! (*Copacabana*. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1908).

Em 1910, Copacabana reforça a sua vocação para o lazer, inaugurando o primeiro cinema no bairro – “Cine Copacabana”, na Praça Malvino Reis. Em 1913, um segundo “Cine Copacabana” é inaugurado na esquina da Rua Barrozo com a Avenida Copacabana.

Naquele ano, o cronista Mário Brant, em um texto extremamente sarcástico, destaca o abandono do bairro, mostrando que os problemas de enchentes nas ruas geravam focos preocupantes de mosquitos, e que a municipalidade, quando se fazia presente, era com soluções paliativas, não se preocupando com o calçamento e com o consequente esgotamento pluvial, fazendo as águas se empoçarem nas ruas. Essa crônica se inicia com o som dos trabalhadores, que à noite tentavam preencher uma depressão na Rua Barata Ribeiro, tentando minimizar os problemas das enchentes de modo completamente ineficaz:

Eis que na noite passada os suplicantes despertaram sobressaltados ante a invasão de uma horda de vândalos, os quais, armados de foices e enxadas, entraram a devastar tudo que se lhes deparava na frente, intermeando as foixadas de pragas e interjeições anatômicas, demasiado fortes para os ouvidos dos suplicantes. [...] Hoje pela manhã os suplicantes, embora havendo pressentido a destruição, pelo fragor das foices e enxadas que os não deixaram pregar os olhos toda a noite, abriram suas janelas viram este espetáculo balcânico: suas lagoas aterradas, nem um só arbusto de pé! (BRANT, Mário. “Regatas na Rua Barata Ribeiro” in BANDEIRA & ANDRADE, 1965, p. 312-313)

Ainda no ano de 1913, a revista *Atlantico – Magazine Mensal Ilustrado*, que contava com vários ilustres colaboradores,³ mesmo não sendo um periódico destinado ao bairro, enfocava as questões de uma cidade litorânea e, na sua edição de verão, do mês de fevereiro, é praticamente destinada a dois temas: eliminação de moscas e banhos de mar. A primeira reportagem “Mate esta mosca” mostrava os perigos de doenças transmitidas pelo inseto e os cuidados que a população deveria tomar:

Não permitam moscas em casa
Fujam dos restaurantes ou botequins onde há moscas.
Por que?
As moscas são os mais imundos e perigosos dos insetos.
Uma mosca pode transmitir moléstias, isto é germens: de desinteria, tifoide, difteria, etc. [...]
Mate esta mosca!
Como?
Conserve a casa e o jardim sempre limpos: nada de detritos acumulados, nem condições favoráveis ao seu desenvolvimento. [...]. (*Atlantico – Magazine Mensal Ilustrado*. Fevereiro, 1913, p. 102)

A segunda reportagem “O gozo do mar” revela como os banhos de mar na cidade do Rio de Janeiro ainda eram uma prática iniciante em relação aos hábitos europeus (Ostende, Boulogne, Biarritz, Onival, Dieppe, Tréport), comparando imagens da Praia do Flamengo, com uma banhista e diversos espectadores, e da Praia de Copacabana, com cerca de quinze banhistas, em comparação com a Praia de Tréport, perto de Paris, com centenas de banhistas: “[...] Nós, os brasileiros, quase não sabemos apreciar o mar. Por quê? Talvez, porque o temos aí, às nossas portas, e o mais grandioso e belo que se pode sonhar. [...]” (*Atlantico – Magazine Mensal Ilustrado*, fevereiro 1913, p. 159).

Em 1914, após seis anos e nove meses de obras, foi inaugurado o Forte de Copacabana, na ponta do promotório da Igrejinha, equipado com o mais moderno armamento alemão, trazido pela Marinha Brasileira.

Em 1915, o Prefeito Rivadávia da Cunha havia assinado o decreto separando Copacabana do Distrito da Gávea. É daquele ano a crônica “Da Terra”, escrita por Álvaro Moreyra e editada no seu livro *Um Sorriso para Tudo*. O autor a inicia destacando a importância de se apreciarem todas as sutilezas e as variações das paisagens do cotidiano, percebendo-as através dos sentidos. Ele descreve os sons da madrugada e do amanhecer de um dia chuvoso de inverno. São os sons por

³ Principais colaboradores: Olavo Bilac, E. de Menezes, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, Alcides Maia, Afranio Peixoto, Juliano Moreira, Humberto Goyuzo, D. Julia Lopes de Almeida, Mme Chrysantheme, Marcelo Gama, Souza e Silva, R. Gomes, A. Guanabara, L. Collor, Dr. Austregesilo, Mello Moraes Filho, M. Bonfim, Seth, Vasco, Lourindo.

ele chamados de “voz da natureza”. Relata o som dos animais (sapos, coruja, galo, cigarra), do vento, do mar em ressaca, da movimentação das mulheres para o banho de mar, nas primeiras horas da manhã e o silêncio:

A sombra é o silêncio vizível. A sombra de uma árvore é a saudade que os ramos têm da terra...

[...] Nos campos, à noite, sobe para o luar a voz sonâmbula dos sapos. São os poetas da solidão os sapos, esses Virgílios dos pântanos...

A voz da natureza, dentro da noite... chiados, gritos, coaxos, água marulhando, o vento nas árvores... E todos esses rumores confusos fazem uma harmonia única no divino silêncio do luar... [...]

Três horas da madrugada. As ruas, lá fora, devem estar desertas. Vem do mar, de quando em quando, um confuzo barulho de ressaca. A cidade dorme. Tenho as janelas cerradas. Inesperadamente um galo canta. É triste um canto de galo, escutando assim... [...]

Uma cigarra acordara, escardichara um ritmo brusco. E o silêncio voltou, mais amplo, mais pesado. Os cisnes, extáticos, estavam à espera do luar. Apareciam vultos, mulheres esmarridas. Palavras ecoavam, vagas, indistintas, de ansiedade, de desespero, de alegria. Palavras sem sentido, na alma do vento.

Depois, os largos portões bateram. Ficou o jardim sozinho, com a ressonância do que havia passado. Ficou o jardim a recordar. (MOREYRA, 1922, p. 157-165)

Moreyra usa inúmeras figuras de linguagem e inúmeros vocábulos (silêncio, voz, chiado, coaxo, marulho, rumor, barulho, canto, escuta, quietude, escardichar, ritmo, ecoar, ressoar) para melhor retratar os sons por ele ouvidos. Como Brant, faz menção aos sapos dos alagados e, como Cullen, associa a sombra ao silêncio. A imensidão azul do mar é relacionada à tristeza e o sol à saúde. Todos os seus sentidos estão em alerta nessa crônica: os sons, os cheiros, a luminosidade e o ar na pele.

De 1916, destaca-se “Afrodísia”, escrita por Paulo Barreto e publicada no livro *Crônicas e Frases de Godofredo Alencar*. Nela o autor descreve, principalmente, a prática do banho de mar em Copacabana e sua respectiva sonoridade:

Nos balcões, nos terraços, nos jardins, nos portões, a linha de casas animava-se de gente. Eram chás servidos ao ar livre, senhoras e meninas e rapazes vestidos de branco a conversar, a rir e os automóveis indo e vindo com criaturas que riam, estabeleciam a corrente comunicativa de uma alegria macia e imensa. [...]

Em certos pontos cavalheiros e damas abancados em torno de mesas a bebericar; em outros, grupos de observadores; e em toda sua extensão, a movimentação quase nua da multidão de banhistas, multidão que entrava um pouco pelo verde líquido do mar e se envolvia nos borbotões de renda dos vagalhões. Um momento o meu espírito corrompidamente mundano, lembrou Ostende, Nice. [...]. (BARRETO, 1920, p. 79-83)

Novamente as imagens da época podem ser acionadas para auxiliar a “ouvir” o tipo de sonoridade gerada pela multidão dos banhistas que se divertiam na praia

de Copacabana, nos finais de semana, ou como eram seus trajés “seminus”. Constatou-se, também, nas crônicas, grande diferença no hábito do banho de mar entre 1908 e 1916, o que pode ser reforçado pelas fotos. No primeiro momento, a maior parte das pessoas permanece em seus trajés de passeio, fazendo piquenique e brincadeiras na praia. No segundo momento, faz-se presente à praia pessoas em trajés de banho bastante reduzidos para os padrões da época; entretanto, no parecer do cronista, agora eram pessoas que se conduziam com mais “elegância”. O som dos bares e das cervejas sendo abertas, a gritaria dos bêbados e os fogos de artifício são substituídos por conversas e risos de mulheres e de jovens passeando, tomando chá e bebendo. O escritor agora lembra Nice, na elegante Europa, ao invés da “barbárie” presenciada por ele, oito anos antes, na “Missa do Galo” da “Igrejinha”, mostrando como o bairro começa a absorver uma população de maior nível de renda e cosmopolita. Os comentários sobre as novas construções reforçam o parecer de um bairro que começa a “enobrecer”, mesmo que, muitas vezes, careça de “bom gosto” na definição do escritor.

Também, no ano de 1916, Copacabana foi agraciada com a visita da bailarina Isadora Duncan, então, com 38 anos de idade. Alvaro Moreyra lembra sua visita na crônica “Dança ao Sol”:

Isadora Duncan, quando deu ao Rio a sua evocadora sedução, dançou, uma tarde, em Copacabana, diante do mar. E nunca a praia maravilhosa foi mais bela. Por que não bailarão assim as cariocas agora que a primavera voltou?... (MOREYRA, 1991, p. 109)

As transformações na região, que se aceleram na década de 1910, podem ser melhor observadas também nas medidas administrativas. Com o desenvolvimento do bairro e o crescimento do afluxo de pessoas nas praias, em 1917, o Prefeito Amaro Cavalcanti assina um novo regulamento para o banho de mar no Leme e Copacabana (Decreto nº 1.143 de 1º de maio de 1917), dispoendo sobre horários, locais e trajés permitidos, bem como sobre a sinalização de segurança. O artigo 5 deste decreto tem especial importância para este ensaio: “São expressamente proibidos quaisquer ruídos e vozerias na praia ou no mar, durante todo o período do banho” (Decreto nº 1.143 de março de 1917).

Daquele ano de 1917, se destaca um raro depoimento de um jovem morador, sempre atento aos aspectos da paisagem urbana. Lúcio Costa descreve um pouco do que presenciar deitado na rede, no quintal de sua casa no Leme, quando ainda cursava o primeiro ano da Escola de Belas Artes. Seu relato mostra como o “silêncio” da natureza imperava no ar, na área próxima à encosta do Morro da Babilônia, na Rua Araújo Godin:

E, para coroar a beleza desse instante, surgiu uma discreta borboleta azul voando pausada e silenciosamente como uma bailarina aos sons melódiosos do trinar dos pássaros. Cada vez mais ardia o sol, a terra parecia estalar; tudo brilhava, tudo estava imóvel, sem a menor vibração; o silêncio que reinava era apenas interrompido por esse gorgoejo encantador [...]. (COSTA, “A Casa do Leme”, 1997, p. 595)

Em 1918, a tão famosa Igrejinha é demolida para a ampliação do Forte Copacabana. Com o valor adquirido pela desapropriação das suas terras, a Cúria reforma a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Copacabana, na Praça Serzedelo Correa, e constrói uma nova igreja em Ipanema – “Nossa Senhora da Paz”. Também, no mesmo ano, são inaugurados postos de salvamento, observatórios de madeira localizados nos seis pontos destinados ao banho em Copacabana. Os primeiros salva-vidas foram os pescadores locais.

Em 1919, a rústica Avenida Atlântica é duplicada pelo Prefeito Paulo de Frontin, recebendo um canteiro central com jardineiras e iluminação tão intensa para a época que lhe valeu, poucos anos depois, a alcunha de “Princesinha do Mar”, pois o correr dos postes à noite lembrava um colar de pérolas que só uma princesa poderia ter. A “charge” da época da inauguração ironizava as tentativas para conter “a fúria” do mar em certas épocas do ano, visto que as ressacas eram constantes, e um dos motivos para a duplicação da Avenida. Entretanto, a obra que levou quase sete anos para ser concluída foi parcialmente destruída logo depois por uma forte ressaca, sendo reconstruída no Governo do Prefeito Carlos Sampaio, com novos procedimentos técnicos.

A partir de 1919, a infraestrutura urbana chega intensamente ao bairro e se iniciam acirradas e contínuas críticas na imprensa sobre os investimentos públicos. O escritor Lima Barreto é de opinião que os maiores investimentos do erário devam ser destinados às áreas de maior densidade da cidade, favorecendo a maior parte da população, em vez de privilegiar os poucos moradores do litoral da zona sul. Barreto critica, também, os investimentos feitos pela Prefeitura Municipal para a construção do Hotel Copacabana Palace e os calçamentos da orla, constantemente destruídos por ressacas:

[...] Os areais de Copacabana, Leme, Vidigal, etc., é que têm merecido os carinhos dos reformadores apressados.

Não se compreende que uma cidade se vá estender sobre terras combustas e estéreis e ainda por cima açoitadas pelos ventos e perseguidas as suas vias públicas pelas fúrias do mar alto [...].

Todo Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em prática; e os panurgianos ricos vão docilmente satisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a beleza, a saúde dos homens, os interesses de uma população nada valem [...]. (O Cedro de Teresópolis. Rio de Janeiro, 27/02/1920 in BARRETO, 1956c, p. 278)

Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a europeia e a outra, a indígena. [...]

Pode-se, entretanto, admitir, a fim de justificar o amor do prefeito aos hotéis de luxo, que quer construir à custa de nossos magros cobres; pode-se admitir que, com isso, Sua Excelência pretenda influir indiretamente no saneamento do morro da Favela.

Municípios de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hotéis chics, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favela e do Salgueiro modifiquem o estilo das suas barracas. Pode ser [...]. (O Prefeito e o Povo. Careta, Rio, 15-1-1921 in BARRETO, 1956d, p. 117-118)

[...] Em matéria de obras, o serviço da prefeitura é valorizar as areias de Copacabana e adjacências e bater-se contra os furores de indignação do Mar sem fim e sem amo. [...]. (Estupendo Melhoramento. Careta, Rio, 01-10-1921 in BARRETO, 1956a, p. 265)

A despeito das críticas, Copacabana vai crescendo “moderna”, misturando antigos e novos sons. Em 1921, Álvaro Moreyra publica *O Outro Lado da Vida* em que, novamente, retrata inúmeros sons do bairro e mais especificamente da Rua Xavier da Silveira, no Posto 5, local da sua residência. Na primeira crônica destacada desse livro, percebe-se como o som dos carros ainda é tênue, competindo com as vozes e o piano do vizinho:

Era domingo. A preguiça dos domingos é um dos sérios prazeres da vida. Fiquei ali, deliciado. Uns sons vagos de piano davam piparotes simpáticos nos meus ouvidos. Vozes confusas e risos em eco, da gente que seguia, rumo do football, misturavam-se, na hora lânguida, ao rumor dos automóveis pelo asfalto. [...] (MOREYRA, 1921, p. 19)

Na segunda crônica, ele mostra como os sons da Avenida Copacabana invadem o saguão do cinema, não sendo possível identificar qual, pois na época já existiam dois no mencionado logradouro – “Cine Copacabana” e “Atlântico”, inaugurado em 1920:

Um dia côr de zinco. As ruas apinhadas. Gente que passa. Gente em grupos. Toda a gente com o ar acceso de quem leu jornais.

Entro num cinema. A sala de espera dá para a Avenida. Vem da Avenida um rumor confuso... Apago os ouvidos, pouco a pouco. Fico a viver pelos olhos, esparramando-os em torno, sorvendo as figuras que ali estão, como eu também estou, à espera do toque. [...].

Felizmente, a campainha dá o signal [...]. (MOREYRA, 1921, p. 25)

Nas três crônicas seguintes, Alvaro Moreyra menciona sons também bastante comuns do bairro daquela época: sinos, bonde e a “música da rua”. Os sinos eram tocados por todas as igrejas da cidade, chamando para as missas; os sons variavam conforme o tamanho e a forma dos sinos de bronze. Já, os bondes eram um universo sonoro a parte: o som dos carros passando nos trilhos que variava conforme

a velocidade ou o percurso (retas ou curvas), o som da campainha, o som do freio, a voz do cobrador... Percebe-se, assim, que nessas crônicas de Moreyra de 1921, poucos são os sons da natureza mencionados, ao contrário daqueles relatados em 1915, em *Um Sorriso para Tudo*. O escritor-ouvinte, através de seus relatos sonoros, evidencia o crescimento do bairro:

Uma tarde de inverno. A saudade daquelas mãos, daqueles olhos. Andam versos de Musset perdidos no ar. As ondas. As árvores. As montanhas. Para os lados do poente, o céu vestiu-se de roxo... Um sino, ao longe...

‘– Faz favor.’

É o cobrador que pede o dinheiro da passagem. [...]. (MOREYRA, 1921, p. 32)

A “música da rua”, de Moreyra, era proveniente dos pregões, realejos, tocadores de viola e violão, serenatas que podiam ser escutados no interior das casas:

Uma tarde, tarde ardente, feroz, de Fevereiro, eu estava à janela, olhando o céu e pensando em Florença. Apesar dos 33 graus de calor na terra, era outono no céu. Eu pensava [...].

Nisto, voltei à realidade, ouvindo o pregão de um sorveteiro:

– Sorveteiro... so... or... or... veteiro... [...]

Entrei. Sentei-me. Pus-me a gozar o sorvete. Estupendo sorvete! Refrescou-me, deu-me uma alegria, uma satisfação [...]. (MOREYRA, 1921, p. 127 e 128)

Como eu gosto dela, e com que saudade a escuto, em palavras ou sons, vinda de longe, do rumor da vida... Música das ruas, sempre a mesma e sempre diferente... Pregões, fados, realejos...

Um dia, enlevado, andei a segui três guitarristas, de esquina em esquina... A música do fado tem uma nostalgia que dói, e os homens que a tocam, e cantam os versos ingênuos e profundos da toada, parecem cumprir um rito milenar...

Os realejos, ao contrário, são risonhos, contentes, cheiros de uma alegria bem aventurada, moam embora o mais lamentoso dos ritmos. [...] (MOREYRA, 1921, p. 64)

De fato, o som do realejo marca a memória de muitos cariocas, pois era escutado em muitas ruas da cidade. Cony lembra a música do realejo na crônica “Opinião x Informação”:

Dia desses, arrumando livros novos na estante, um volume caiu no chão. Tenho a convicção de que essas coisas têm um sentido, são um sinal que precisa ser entendido. Sempre que isso me acontece, procuro ler o recado que a lei da gravidade me dá. É que nem aqueles periquitos que depois da música do realejo metem o bico e tiram uma sorte para o freguês. [...]. (CONY, 1999, p. 114)

A última crônica destacada do livro *O outro lado da vida* mostra mais um exemplo da “música das ruas” – as bandas que tocavam nas praças. Por outro lado, se a “música das ruas” penetrava nas casas, comumente, os sons das casas, também,

vazavam pelas janelas abertas e podiam ser facilmente escutados pelos vizinhos ou passantes. Eram conversas, músicas, aulas de piano e mais tarde, também, os rádios.

João Faustino adorava a música, [...].

Foi numa dessas noites, que escudou, vindo do prédio fronteiro, uns sons macios, cariciosos. Emudeceu. Pôs-se atento. Quem seria o pianista? [...].

Mal o piano se calou, fechou a janela, deitou-se e dormiu contente. [...].

Desde então com mistério e flauta, amou a vizinha. [...].

Amanhecia um domingo. Cantavam os galos. [...].

É a senhora quem interpreta tão belas partituras?!

– Eu, não. É o piano sozinho. Como é que se chama, Isolina?

– Pianola, mamãe.

– É: pianola.

João Faustino desandou a correr. Na primeira esquina, um guarda-noturno despertou, sobressaltado, e atirou-se atrás dele. [...].

– Pega! Pega!” (MOREYRA, 1921, p. 139-140)

Destaca-se, também, nessa crônica o grito de “Pega, Pega”, usual dos guardas noturnos, para chamar atenção e pedir ajuda dos cidadãos para a captura de algum suspeito.

O último fato marcante deste período foi o do dia 05 de julho de 1922, quando Copacabana presenciou o episódio conhecido por “18 do Forte”, que integrou o “movimento tenentista”. O Forte de Copacabana, comandado pelo Capitão Euclides Hermes da Fonseca, foi a única unidade militar que resistiu às forças governamentistas, na tentativa de impedir a posse do presidente eleito Artur Bernardes, representante das elites tradicionais. Depois do combate no dia 5, no qual diversas casas foram atingidas, no dia 6 de julho, vinte e oito combatentes saem em marcha pela Avenida Atlântica; dez logo dispersaram e, dos dezoito que resistiram, somente Siqueira Campos e Eduardo Gomes sobreviveram. Esse episódio histórico foi vivido principalmente através dos sons pelos moradores do Leme e Copacabana, foram os tiros de canhão do Forte de Copacabana, os tiroteios, o sobrevoo de aeronave, o trânsito confuso, tal como se pode depreender das reportagens, a seguir, reproduzidas. Verifica-se, também, como o problema afetou todas as classes sociais, representadas pelos diferentes meios de transporte empregados na “fuga” do bairro – carroça, caminhão, bonde, automóvel:

Foi, então, 1 e 35 da manhã, que a fortaleza fez o primeiro disparo, de pólvora seca, sinal, ao que parece, convencional, para os outros elementos sublevados. [...] (“O Brasil”, 6 de julho de 1922. <http://www2.uol.com.br/rionosjornais/rj28.htm>. Acesso em 9/3/2006.)

Os moradores do Leme cujo bairro estava sendo alvejado pelos 7 1/2 do forte de Copacabana retiravam-se a conselho da própria autoridade. O forte de cinco a cinco minu-

tos disparava para a entrada do Tunel Novo, onde estavam alojadas as tropas do 3º Regimento de Infantaria. [...]

O Forte de Copacabana, o iniciador da rebelião, ontem, até a tarde, continuava atirando a esmo. Em certo momento os disparos passaram a ser feitos em direção do bairro de Copacabana, o que estava causando prejuízos aos prédios da Avenida Atlântica. [...] (“A Pátria”, 6 de julho de 1922. [http:// www2. uol. com. br / rionosjornais / rj28.htm](http://www2.uol.com.br/rionosjornais/rj28.htm). Acesso em 9/3/2006.)

Hoje pela manhã sob a serenidade do azul do céu passou, com destino a Copacabana, uma esquadilha de aeroplanos ‘Breguet’ a fim de cooperar com as forças legais no assalto ao forte. [...] (“O Combate”, 6 de julho de 1922. [http:// www2. uol. com. br / rionosjornais / rj28.htm](http://www2.uol.com.br/rionosjornais/rj28.htm). Acesso em 9/3/2006.)

Algumas baterias de canhão de tiro rápido faziam disparos em direção ao Tunel Novo, na suposição de que as tropas legais ali se encontrassem. O eco formidável dos disparos de tiro rápido, em Copacabana, dava a impressão de que o bairro todo estava sendo arrasado e, daí, o êxodo das famílias que foram procurar outros pontos da cidade. [...] (“Correio da Manhã”, 6 de julho de 1922. [http:// www2. uol. com. br / rionosjornais / rj28.htm](http://www2.uol.com.br/rionosjornais/rj28.htm). Acesso em 9/3/2006.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível dizer que os sons mais do que identificam as áreas urbanas, eles identificam a complexidade urbana e humana, uma vez que são representações dos inúmeros atores que estão presentes num ambiente urbano.

Desta forma, a despeito de sua “imaterialidade”, do fato de não se poder “eternizar” os sons como se “eternizam” as edificações, os sons criam, também, nos diferentes tempos, paisagens, sinfonias, que são “edifícios de sons”, capazes de estabelecer sólidas referências num ambiente urbano, quando entendidos seus significados culturais.

Os sons marcam os ritmos, as vivências, a grandiosidade, a assincronia urbana, e estão, necessariamente, associados às transformações do ambiente, no sentido mais pleno da palavra, aqueles que integram uma sociedade.

As cidades não se constroem por silêncios ou por uma unissonância, mas por inúmeras “vozes” que nelas se representam. No ambiente urbano é possível perceber as “vozes” que falam mais alto, aquelas que detêm mais poder de representação em determinado momento e vão, assim, construindo uma memória sonora hegemônica que mascara todas as “outras”.

A longa pesquisa já desenvolvida no doutorado e em desenvolvimento, agora no PROARQ (Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ) na linha de pesquisa “Cultura, Paisagem e Ambiente Construído”, não é “somente” no sentido de resgatar uma memória sonora, mas, principalmente, para conhecer a dinâmica

das paisagens sonoras urbanas, em especial, a da Cidade do Rio de Janeiro, permitindo uma melhor compreensão sobre as atuais paisagens sonoras tão complexas e difíceis de serem escutadas. É preciso compreender o processo que “modelou” as paisagens sonoras atuais, sabendo-se que elas não se encontram presentes na cidade ao acaso, mas que resultam de inúmeras escolhas feitas por inúmeros atores ao longo do tempo.

Quando essas paisagens perdem o sentido é porque a maioria não escuta o eco de suas “vozes”, pois tem-se a certeza que as cidades “falam através de seus sons”, mas como as palavras que o vento leva, os sons das cidades também são levados e, há muitos anos, deixou-se de escutá-los e de aprender a importância significativa dos “ritmos”, da “musicalidade” e das “representações” nas paisagens urbanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iphan Rio & Jorge Zahar, 1987.
- COSTA, Lúcio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.
- DEZOUZART, Elizabeth; VAZ, Lilian Fessler; ALBERNAZ, Maria Paula; AIZEN, Mario & PECHMAN, Roberto Moses. *Copacabana – História dos bairros, memória urbana*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia / Index, 1986.
- DUNLOP, Charles J. *O Rio antigo* (Volume II). Rio de Janeiro: Cia. Editora e Comercial F. Lemos, 1956.
- GASPAR, Claudia Braga. *Orla Carioca – história e cultura*. São Paulo: Metalivros, 2004.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio* (1963). Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade – Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958, o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua* (1976). São Paulo: 34, 2005.

Crônicas

- BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rio de Janeiro em Prosa & Verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- BARRETO, Lima. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.
- _____. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956b.
- _____. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956c.
- _____. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956d.
- BARRETO, Paulo (João do Rio). *Crônicas efêmeras – João do Rio na Revista da Semana*. Pesquisa e apresentação de Níobe Abreu Peixoto. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

- _____. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987.
- _____. *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- _____. *No tempo de Wenceslão*. Rio de Janeiro: Villas-Boas & C., 1917.
- _____. *Pall Mall Rio de José Antônio José*. Rio de Janeiro: Villas-Boas & C., 1917.
- CONY, Carlos Heitor. *O harém das bananeiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- MOREYRA, Alvaro. *A cidade mulher*. Coleção Biblioteca Carioca – Volume 19. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1991.
- _____. *Havia uma oliveira no jardim*. Rio de Janeiro: Jotapê Livreiro Editor, 1958.
- _____. *As amargas, não...* Rio de Janeiro: Lux, 1955.
- _____. *Um sorriso para tudo*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores, 1922.
- _____. *O outro lado da vida*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1921.
- _____. *O dia nos olhos*. Rio de Janeiro: Lux, [s.d.].
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos (org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto* – vol. II. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1983.

Periódicos

- O Copacabana*. Biblioteca Nacional (PR SOR 5633[1]).
- Atlantico: Magazine Mensal Ilustrado*. Biblioteca Nacional (1-435).
- Beira Mar*. Biblioteca Nacional. (4-376).
- Revista de Copacabana*. Biblioteca Nacional (1-227).

Recebido em 01.01.2012

Aceito em 13.03.2012